

Revista 1955

Homem e Mundo

A vida múltipla e infinita

Dr. EVARISTO DE MORAES FILHO

○ QUE eu mais admiro na vida são as possibilidades de vida. E' ver a vida vivendo por todos os lados, sem se esgotar nunca, como que desafiando permanentemente a morte. Enquanto nasce alguém, outro se despede dêste mundo, sem que tivessem tempo para se conhecer, como dois trens que se cruzam numa estação ferroviária. Às vêzes é o próprio pai quem parte, deixando no ventre materno a semente do novo ser. Pouco importa que êle desapareça, porque haverá uma continuidade da sua existência nesta terra.

Tumultuariamente tudo continua, tudo se desenvolve e caminha num destino próprio. O vício e a virtude se cruzam nas ruas, com atrito ou com indiferença, já que cada um cumpre a sua história. Enquanto um reza, outro peca; enquanto um trabalha, outro se diverte. Pouco importa, tudo é vida vivendo, fervendo, gesticulando, calando, morrendo, tudo é vida.

E o que é mais: nada é indiferente, afinal de contas. As ações humanas não se perdem nunca na imensidade, alguma coisa sempre há de permanecer, segrêdo de um, de poucos ou de tôda a população. Tudo é interdependente, não existindo, a rigor, nem inocentes nem culpados. Todos são as duas coisas ao mesmo tempo. Há em cada um de nós uma parcela de responsabilidade pelo que de mal faz o seu vizinho, como também há uma dose de mérito pelo que de bom realiza qualquer dos nossos semelhantes. Nada é indiferente, tudo é inextricavelmente unido no mesmo determinismo universal.

Por isso mesmo muito me alegre quando vejo um malabarista de circo fazendo coisas incríveis com as mãos, com os pés; com a cabeça, jogando várias bolas para o ar e as apanhando com segurança, uma a uma. O trapezista, o campeão de fôlego embaixo d'água, o tocador de violino, o artista genial, o criador de matemáticas, todos me ensinam de quanto o homem é capaz. Todos nós, tôda a humanidade, participamos de seus méritos e do seus êxitos. O aplauso é para cada um de nós, que não pode julgar estranho nada que acontece a um ser humano. A distância dos séculos, diante da eternidade, desaparece a autoria de cada ação particular, dissolvendo tudo na nebulosa dos destinos coletivos. E ninguém mais sabe o que é seu, nem o que é dos outros.

A verdade é que o nosso destino é tanto nosso como dos outros. Nem sabemos bem quem melhor o constrói, se nós ou se êles. Muita vez êles fazem o nosso destino. E não há tempo para nada, nem para parar e pedir satisfação. A vida continua, as existências se confundem, os caminhos se cruzam e se perdem ao longe, por quanto tempo, até quando, por que uns e não outros? São indagações sem resposta.

Pouco importa, ninguém sabe. Chegamos, não fomos chamados. Representemos o nosso papel; bem, se possível, mas de qualquer maneira o representemos. Sejamos atarefados e apressados nesta cena aberta, pensando que a nossa vida é a única que dura e permanece. Mas, basta apresentar-se um instante de exceção — de doença, de quebra de rotina, de afastamento, de meditação mais demorada — para que o ator vire espectador e se assuste ou se deslumbre com a visão da vida vivendo por todos os lados, frenética, como se cada minuto fôsse o último, indiferente a alguém que a espia, de fora, pelo buraco da fechadura. E isto também é uma forma de viver.

"A brigada" - Janeiro 1955